

O TRABALHO E A REVOLTA

O trabalho é diferente da acção humana.

A acção humana é tudo o que vai pela mão e além da mão. É tudo o que o cérebro pode criar, imaginar e depois realizar. É o sonho feito prática. É pensar e depois criar.

O trabalho também pode ser um projecto.

Mas o trabalho é sobretudo e para quase todos.

Para comer.

Foi o trabalho para caçar, para colher. Para inventar pedras pontiagudas. Setas. Mas algumas marcadas de desenho que vejo na minha cabeça. Eu sou criador.

Aprender a trabalhar a terra. Sol a sol. Até à exaustão. Produzir para trocar. O meu trigo, o teu linho. Produzir para vender. Para pagar a terra, que já não é a minha. Ser escravo. Até à exaustão. O chicote.

Até que vendo o meu trabalho.

Não trabalho para os meus alimentos.

Trabalho para vender o meu trabalho. Para sobreviver. Trabalho até à exaustão. Pagam-me. O patrão sabe que se eu comer posso trabalhar. Comer alguma coisa. O mínimo. Se for mais velho já posso morrer. A minha mulher também tem de comer. O mínimo. E as crianças, as que vivem, têm que comer. O mínimo. E cedo vão começar a trabalhar.

Flora Tristan correu a França e descreveu-os. Corriam os anos 30 e 40 do século XIX. Viu-os nas fábricas da seda de Lyon. Foi a casa deles. Viu as camisas lavadas de um dia para o outro. Esfiapadas. Les canuts, trabalhadores da seda, cantou o Ives Montand. Flora viu-os nos altos fornos em Londres. E as crianças das ruas escuras. “Não será o raquitismo uma doença hereditária? “Diziam alguns sábios. Foi a classe operária inglesa que lutou pelo weekend.

Quando já havia muitas máquinas. É uma regalia, dizem os sábios.

Um século de revoltas, greves, lutas, utopias. Um século a sonhar com o futuro. Consigo encurtar as horas do dia. Mas nos campos as horas são as horas do dia. De sol a sol. Pão e azeitonas. E vinho. O vinho dá-me força e alegria. Suporto. Canto. Se fazes greve és despedido no “balão”.

Mais quase outro século a sonhar com o futuro. Trabalhar só 8 horas. Tirar meio fim-de-semana. Tirar o fim-de-semana. Muitas lutas. Muitos mortos. Vale a pena? Vale a pena. Sonhar com o futuro. Amanhã *“o sol brilhará para todos nós”*.

O sol não brilhou muito. Brilhou um pouco. Houve liberdade e greves e lutas. Houve dignidade. Sou um homem, trabalho com as mãos. Sou uma mulher, trabalho com as mãos. Sou eu. Igual a ti. A minha casta? Trago-a escondida no fundo da minha memória.

E falo da minha memória: passávamos fome, não tínhamos sapatos. Era uma vergonha. Muito pequena fui para a costura. Fui para criada. Apanhava. Fui aprendiz de sapateiro. Fui para a fábrica.

Agora este fundo da memória vem ao de cima. Com raiva.

São 700.000, 1 milhão de desempregados. 300.000 vivem de nada. Viverão de nada. Para eles já não vai haver amanhã. Nem esperança. Nem ilusão. 2 milhões pensam todos os dias como é que hão-de pagar a casa. Como é que hão-de comer. E o leite para os filhos. Eu vendo o trabalho pelo preço que quiserem. Estou à venda. Aqui. Sou simpático. Faço qualquer coisa. Tenho jeito para tudo. Trabalho as horas que quiser. Logo me arranjo. Sou mulher, posso pôr as crianças na creche, logo de manhãzinha. Tomo o transporte, mesmo apertado. Levo lancheira. Saio tarde. Vou buscar as crianças. Dou-lhes banho. Comem. Oxalá durmam cedo. Faço a comida. Adormeço em frente da televisão. Durmo pouco. É levantar. Trabalhar. Trabalhar. Até à exaustão.

Um dia

Vamos trabalhar só 4 horas. Porque as máquinas já trabalham por nós. Não haverá desemprego. Teremos tempo para as crianças, para namorar, para criar, para jogar.

Um dia. Depois da luta que há-de vir.